

CIÊNCIA E LOUCURA: MOVIMENTOS DA ALUSÃO ENTRE MACHADO DE ASSIS E MOACYR SCLiar

José Radamés Benevides de Melo (IF Baiano)

radamesbenevides@hotmail.com

Vânia Lúcia Menezes Torga (DLA/UESC)

vltorga@uol.com.br

RESUMO

Neste artigo, temos o objetivo de investigar a alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista* e com (inter)textos, (inter)discursos, falas sociais, silêncios concernentes às relações entre ciência e loucura. Compreendemos, dessa forma, que, para atingirmos o objetivo proposto, é preciso estabelecer um diálogo entre as teorias do dialogismo (BAKHTIN, 1980), da heterogeneidade constitutiva da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1983) e da alusão (TORGA, 2001) com as obras literárias em questão, como auxiliar no processo de leitura aqui proposto.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, heterogeneidade, alusão, ciência, loucura.

ABSTRACT

In this article, our objective is to investigate the allusion as a strategy for reading of *O mistério da Casa Verde* in dialogue with *O alienista* and with (inter) texts, (inter) discourses, social speeches, silence concerning the relationship between science and madness. We understand, therefore, that to reach that objective, we must establish a dialogue between the theories of dialogism (BAKHTIN, 1980), constitutive heterogeneity of language (AUTHIER-REVUZ, 1983) and allusion (TORGA, 2001) with literary works in question as an aid in the reading process proposed here.

KEY WORDS: dialogism, heterogeneity, allusion, science, madness.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, nosso objetivo é investigar a alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde*, de Moacyr Scliar, em diálogo com *O alienista*, de Machado de Assis, e com (inter)textos, (inter)discursos, falas sociais, silêncios concernentes às relações entre ciência e loucura. Assim, concebemos o diálogo entre as teorias do dialogismo (BAKHTIN, 1980), da heterogeneidade constitutiva da linguagem (AUTHIER-REVUZ, 1983) e da alusão (TORGA, 2001) como auxiliar no processo de leitura ora proposto, já que a alusão enquanto elemento heterogêneo, dialógico e discursivo que é nos coloca em diálogo com os inter e intradiscursos, textos, falas sociais, lembranças, esquecimentos cujas lacunas são retomadas, reconstruídas, ressignificadas, num movimento de ir e vir de sentidos, promovido pela memória. Para isso, entendemos que é preciso: 1) articular os conceitos de dialogismo, heterogeneidades constitutiva e enunciativa e alusão com a concepção de leitura que está subjacente a cada uma das teorias que nos servem de embasamento; 2) articular de maneira dialógica e dialética as obras literárias investigadas com as teorias que nos fundamentam; 3) estabelecer um diálogo com outros textos, discursos, intertextos, falas sociais etc., enfim, tratar do aspecto heterogêneo da linguagem e da leitura enquanto fenômenos dialógicos que são.

Na citação apresentada abaixo, os traços da narrativa de Scliar são esclarecedores desse diálogo. Nesse trecho do livro *O mistério da Casa Verde*, fala-se em casa verde, Machado de Assis, *O alienista*, expedição, elementos textuais que aludem à obra *O alienista*. Assim, Artur, André, Pedro Bola e Leo, personagens criados por Scliar, vão, desavisadamente, ao encontro de um mistério. Do contato com a Casa Verde, nasce todo o diálogo (inter)textual e (inter)discursivo que permeia a leitura de *O mistério da Casa Verde* no seu constante diálogo com *O alienista* e com (inter)textos, (inter)discursos, falas sociais relacionados ao par ciência/loucura. É o que percebemos quando lemos o seguinte fragmento:

Na falta de outro lugar, Artuzinho resolveu criar um clube para sua turma num antigo casarão abandonado, que é lendário na pequena cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Ali, na chamada Casa Verde, cerca de dois séculos antes, havia funcionado um asilo para doentes mentais, cuja história inspirou o escritor Machado de Assis a escrever um de seus contos mais célebres: *O alienista*.

Reunindo sua turma – Pedro Bola, André Catavento e Leo –, o rapaz organiza uma expedição à Casa Verde, para dar início ao projeto. (Da nota do Editor presente no livro *O mistério da Casa Verde*)

1. O MISTÉRIO DA CASA VERDE, DE MOACYR SCLiar

O mistério da Casa Verde é uma narrativa dividida em dez capítulos, uma introdução e um apêndice, que apresenta ao leitor outras obras que fizeram releituras de *O alienista*, obra de Machado de Assis, cujo enredo também é aludido na obra de Scliar. Esta obra faz parte de uma coleção chamada *Descobrimos os clássicos*, da Editora Ática. O objetivo principal desta coleção, como, aliás, o próprio nome indica, é levar os alunos-leitores aos clássicos, especificamente, os de língua portuguesa. Assim, há volumes que retomam textos como *O guarani*, *Conto de canário*, *Os escravos*, *Senhora*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Os sertões*, *Memórias de um sargento de milícias*, *O cortiço*, *O mulato* e muitas outras obras da literatura de língua portuguesa.

Na tentativa de chamar a atenção dos alunos para essas obras, escritores como Moacyr Scliar, Luiz Antônio Aguiar, Álvaro Cardoso Gomes e Ivan Jaf, elaboraram narrativas simples, claras, cheias de aventuras, peripécias, atuais e bem ao gosto de um público acostumado com jogos eletrônicos, computadores de alta definição, brinquedos sofisticados e todo o aparato tecnológico que cerca o cotidiano da infância e da adolescência nos dias de hoje. O retorno a essas narrativas clássicas da língua portuguesa é feito através de recursos que tornam essas obras dialógicas (BAKHTIN, 1980), heterogêneas (AUTHIER-REVUZ, 1983) e alusivas (TORGA, 2001).

Ao longo dos dez capítulos, Scliar narra a história de quatro amigos: Artuzinho, Leo, Pedro Bola e André. Esses quatro amigos precisam de um lugar para se reunirem nos finais de semana, uma espécie de clube em que eles possam ouvir música. Moradores da cidade de Itaguaí, cujo passado presenciou as polêmicas decisões de Simão Bacamarte, se deparam com uma misteriosa casa verde, um casarão do qual eles não possuíam muitas informações e que estava esquecido pela população local. Como articulador do grupo, Artuzinho convida seus amigos a invadirem a misteriosa casa verde, planejam a invasão e executam o plano. Para surpresa dos amigos, ao entrarem na casa, deparam-se com um senhor vestido à século XIX, extremamente mal-encarado e austero; a reação a esse encontro inesperado, mas factual, é um tremendo susto que leva os garotos a se retirarem do antigo hospício às pressas, correndo, e aos pulos.

Depois do susto e da fuga, os garotos refletem e levantam hipóteses, como se fossem detetives-leitores, sobre o homem que vive solitariamente dentro daquele prédio totalmente fechado e incomunicável com o mundo externo, pelo menos até então.

Nesse momento, Leo, o personagem intelectual do grupo, chama a atenção para a presença de bananas e para as roupas que usava, chegando à conclusão de que ele não é um fantasma porque fantasmas não se alimentam. Mas algo continua intrigando os amigos, se ele tem bananas, ele precisa se alimentar, se precisa se alimentar, então há alguém responsável por fornecer-lhe a comida. A partir daí, os quatro amigos decidem vigiar a entrada da Casa Verde durante o dia inteiro, inclusive na madrugada; assim, acabam descobrindo uma garota vestida com roupas de época, à maneira do homem que reside no antigo casarão e, até agora, desconhecido. Quem vê a garota é Artuzinho, que lhe segue até em casa como nos diz o narrador de Scliar (2004, p. 36):

“Voltando para a Casa Verde, Artuzinho encontrou, junto à árvore, um preocupado Leo:
– Onde é que você se meteu, Artuzinho? Cheguei aqui, não encontrei você, me apavorei... achei que o homem tinha seqüestrado você...
– Seqüestrado, nada! – Artuzinho, excitadíssimo. – Eu estava dando uma de detetive, cara! E você não imagina o que aconteceu!
– Descobri quem traz a comida para o maluco. É uma garota, e lindíssima, cara! Disparado a garota mais bonita da cidade.”

Para esclarecer as questões que envolvem o antigo casarão, Artuzinho, Leo, Pedro Bola e André procuram a professora Isaura, que fornecerá informações sobre a história do lugar, sobre Machado de Assis e sua obra. Isso acontece predominantemente no capítulo quatro – *No qual as coisas começam a se esclarecer* – em que aparecem 34 citações de *O alienista* com a função de auxiliar a professora na conversa com os quatro garotos sobre Machado e sua obra.

Neste capítulo, Isaura conta toda a história de Simão Bacamarte, escrita por Machado de Assis. Essa história esclarece para os jovens uma série de questões que, até então, estavam sem respostas. Numa busca rápida, dinâmica e investigativa, Artuzinho e seus amigos descobrem a identidade da garota que tinha visto levar comida para o hóspede da Casa Verde. Eles descobrem que a garota se chama Lúcia, e aquele homem que reside na Casa Verde é seu pai, ele sofre de um surto psicótico e acredita ser o próprio Bacamarte. Para ajudar sua nova amiga, Artuzinho pede ajuda ao amigo de seu pai, o psiquiatra Eduardo, que conhece *O alienista*, orienta o garoto e o auxilia no trato com o homem residente na Casa Verde.

A história e seus segredos extrapolam os limites do quarteto e das poucas pessoas envolvidas, chegando aos ouvidos do Radialista Ildefonso, que se aproveita para fazer um “furo de reportagem” sensacionalista, armando uma grande confusão e convocando toda a população local para conhecer o sujeito que morava até aquele momento, misteriosamente, num dos casarões mais antigos de Itaguaí. A partir disso, os fatos fogem do controle do círculo de amigos que, neste momento da narrativa, conta com a participação de alguns adultos. Ildefonso, de maneira sensacionalista, expõe a vida e a história do pai de Lúcia; o radialista tinha ouvido acidentalmente uma conversa dos quatro amigos na pizzaria. Aproveitando-se da inexperiência dos garotos, arquiteta um momento de encontro entre o povo de Itaguaí e seu passado que, no plano da narrativa, coincide com o clímax e lembra muito o clímax de *O alienista*, quando a população é convocada pelo barbeiro Porfírio a não aceitar a situação criada pelo alienista na Itaguaí oitocentista.

Nessa ocasião, Ildefonso transmite um programa ao vivo de matiz sensacionalista. Toda essa confusão leva Eduardo, o psiquiatra, o pai de Artuzinho e outras pessoas do círculo de amizade dos garotos a se fazerem presentes em frente à Casa Verde. A grande atração do programa da rádio local daquela tarde era apresentar aos seus ouvintes o misterioso homem que morava no antigo casarão.

O desfecho da narrativa se dá com a abertura do antigo hospício e sua transformação em centro de cultura, em que o pai de Lúcia tinha lugar garantido na sala destinada à obra de Machado de Assis. Mas a decisão pelo Centro Cultural Machado de Assis não foi tão simples e fácil quanto parece. A população foi convocada pelo prefeito para participar de uma assembléia que decidiria o futuro do antigo casarão. Depois de algumas propostas, um grupo de professores das escolas municipais, liderado pela incansável professora Isaura, propõe a criação do Centro Cultural Machado de Assis.

Neste trabalho, apresentamos considerações sobre a dialogicidade da linguagem, uma vez que, para alcançar nosso objetivo, as teorias de Torga (2001) e Authier-Revuz (1983) dialogam entre si, com as duas obras literárias objetos de nosso estudo e com os discursos por elas aludidos.

2. DIALOGISMO, HETEROGENEIDADE E ALUSÃO

Beth Brait, no texto *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem* (1994, p. 11), afirma que “[...] a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico”. A abordagem de Torga (2001) compreende a alusão como necessariamente heterogênea e dialógica, já que funciona como mediadora do texto e dos movimentos de sentido sugeridos pelo jogo alusivo num ir e vir de falas sociais, locuções, discursos, interdiscursos, textos, intertextos, sentidos, lacunas, silêncios, tal como acontece num diálogo. E assim como a teoria da alusão é inerentemente dialógica, a da heterogeneidade também o é. Inclusive, a própria Authier-Revuz, no texto *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*, de 1983, afirma que “o “dialogismo” do círculo de Bakhtin não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros” (1990, p. 26-7).

Nesse processo de diálogo permanente entre as teorias e as obras e entre estas e aquelas, emanam as relações interdiscursivas. Por isso, e para esclarecer o modo como compreendemos o dialogismo nesse trabalho, concordamos com Brait (2005, p. 95) quando ela afirma que “[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade.”

Assim como acontece um diálogo entre as obras aqui investigadas e as teorias segundo as quais nos orientamos e entre as teorias e as obras *O mistério da Casa Verde* e *O alienista*, um outro diálogo se dá entre discursos e interdiscursos que se fazem presentes, de alguma forma, nas obras literárias que estamos estudando e nas teorias em que nos fundamentamos. Teorias e obras, juntas neste trabalho, se articulam e dialogam entre si para o acontecimento da alusão como estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*.

A partir dos estudos de dialogismo e das considerações psicanalíticas sobre o sujeito, Authier-Revuz (1983) estabelece os conceitos de heterogeneidade constitutiva e de heterogeneidade mostrada. Esses conceitos são importantes para nossa abordagem da obra

literária porque as narrativas selecionadas para este estudo dialogam entre si e apresentam, como toda produção textual-discursiva, marcas dessa heterogeneidade. A partir dos estudos de Courtine e Marandin (1981), Cardoso (2005) diz que a heterogeneidade é o diferente do discurso, aquilo que subjaz a ele e liga o seu mesmo com o seu outro. No seio de uma formação social, numa conjuntura histórica determinada, a heterogeneidade pode ser considerada o elemento constitutivo de práticas discursivas que estão numa relação de aliança, ou de afrontamento, num certo estado de luta ideológica e política. Assim, não podemos desvincular o conceito de heterogeneidade do conceito psicanalítico de sujeito. Por isso, “[...] para elaborar o conceito de heterogeneidade constitutiva, Authier articula o conceito de dialogismo de Bakhtin com o seu de heterogeneidade constitutiva da linguagem.” (CARDOSO, 2005, p. 88).

Se, para a psicanálise, o sujeito é dividido entre o consciente e o inconsciente e sua identidade é formada na interação com o outro, concordamos com a idéia de que aquele sujeito do Iluminismo, dono de si mesmo, de suas falas e discursos, seguro de sua razão, autônomo e homogêneo, não se sustenta diante das pesquisas, estudos e comprovações da Psicanálise, principalmente, da lacaniana. Por isso, a heterogeneidade como característica de existência da linguagem, uma vez que seu sujeito se apresenta heterogêneo a partir da ação do inconsciente e do outro na construção de sua identidade. Numa re-elaboração conceitual, Authier-Revuz entende o “outro” como as palavras de outro, uma outra língua, um outro registro discursivo, um outro discursivo, uma outra forma de tomar o sentido de uma palavra, o interlocutor (CARDOSO, 2005).

Dessa forma, ainda para Authier-Revuz (1982, 1984), a heterogeneidade constitutiva não revela o outro e é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente. Além da heterogeneidade enunciativa, há ainda a heterogeneidade mostrada, marcada e não-marcada. Apenas para citar algumas, entre as formas não marcadas estão as metáforas, os jogos de palavras, a *alusão*, a reminiscência.

Contribuindo com esses estudos e fundamentada na fenomenologia dialética de Karel Kosic (1995), na teoria da heterogeneidade da linguagem de Authier-Revuz (1982, 1983) e no dialogismo bakhtiniano, Torga (2001) concebe a alusão como uma categoria textualizadora na medida em que impulsiona o movimento dos sentidos/significados, intertextos, interdiscursos etc. no ato da leitura. Desse modo,

[...] a alusão é perturbadora, sutil: exige do leitor um compromisso com a construção da narrativa, que tem uma história e precisa ser por ele reconstruída com a prática da cooperação. A alusão é a estratégia mediadora dos movimentos do intradiscorso, do interdiscorso, da intertextualidade. (TORGA, 2001, p. 7)

De imediato, percebemos o caráter dialógico da concepção de alusão nos apresentada por Torga (2001). Colocando em diálogo conceitos como os de memória, metáfora, metonímia, heterogeneidade, dialogismo e estratégias de leitura, ela nos mostra a complexidade dialógica e heterogênea que compõe o conceito de alusão.

Para realizar o movimento de sentido, intra e interdiscursivo, textual e intertextual, a alusão exige da memória que resgate fragmentos, inteiros, partes, todos, esquecidos que, de alguma forma, estão relacionados com o texto a ser atualizado. E isso acontece quando um todo fragmentado em partes é reconstituído através da leitura alusiva que, justamente por ser alusiva, permite sua reconstituição. Por isso, entendemos que

[...] a alusão não tem o papel de apenas fazer avançar/recuar a narrativa: os fios condutores da história, se é que há tais fios. As alusões vão formando a figura do todo – a partir dos índices – pequenas citações, enquanto partes desse todo. Formam, elas, os nexos entre as pequenas partes e o todo que engloba estas partes com a ação dos significados da mediação que fazem o ir e vir da parte para o todo e vice-versa. (TORGA, 2001, p. 10)

Assim a alusão se constitui num movimento que vai da parte ou das partes para o todo, ou do todo para as partes ou parte. Esse movimento de que estamos falando é possível porque a memória funciona na articulação dos saberes, dos interdiscursos e dos esquecimentos a fim de promover a constituição de sentidos. Compreendendo a memória como geradora e articuladora central de saberes interdiscursivos, compreendemos que ela também é social, histórica, discursiva, textual, o que nos permite dizer que, por isso, “[...] a alusão lida com lembranças e, também, com o esquecimento de que é parte” (TORGA, 2001, p. 57).

Enquanto estratégia dialógica que é, a alusão se mostra heterogênea já que aponta sempre para um outro, seja através da metáfora, da metonímia, da citação, da parte que nos leva a um outro para compreendermos um todo. Sendo assim, percebemos que, segundo Torga (2001, p. 42), “[...] nenhum jogo alusivo se mantém se não houver a diferença entre todo e parte, logo a relação de parte e de todo é marcada constitutivamente pela heterogeneidade”.

Os comentários feitos pela professora Isaura, por doutor Eduardo, Artur, Leo, Jorge e André, personagens de *O mistério da Casa Verde*, narrativa de Moacyr Scliar, presentificam

os discursos e os enunciados propagados e autorizados pela medicina psiquiátrica do final do século XX e início do XXI.

3. A VOZ DA CIÊNCIA E A ABORDAGEM DA LOUCURA E DA QUESTÃO MANICOMIAL

3.1 O diálogo com a *história da loucura*

Em *A história da loucura da Idade Clássica*, Michel Foucault (1997) trata de duas questões que nos auxiliam a compreender o conceito de loucura e a forma como a sociedade ocidental a institui e se relaciona com ela: a contestação do internamento como única solução encontrada para lidar com a loucura e o domínio exercido pelas concepções médicas em seu tratamento.

Na Idade Média, por exemplo, se alguém ouvia vozes ou tinha visões, esse alguém não era considerado necessariamente um maluco: podia ser um santo, recebendo mensagens do céu. E muitos loucos viviam com suas famílias, nas aldeias, sem que ninguém se preocupasse com eles. (...) Os loucos não só eram recolhidos, mas eram também acorrentados, como se fossem animais ferozes. (SCLIAR, 2004, p. 58)

É visível a relação de proximidade que há entre as discussões apresentadas por Foucault (1997), Vieira (2007) e a narrativa da história da loucura apresentada por Dr. Eduardo. Em sua abordagem, aparecem dados muito semelhantes àqueles apresentados pelo discurso da história como o caso do “mau exemplo” representado pelos loucos, “porque não trabalhavam, não consumiam...”. O Dr. Eduardo continua mostrando a Artur que os loucos eram tratados como animais, acorrentados, e fala da época de Pinel quando, segundo ele a “situação melhorou um pouco”. Nesse diálogo que há entre Dr. Eduardo e Artur são retomados vários elementos dos discursos oficiais sobre a história da loucura, sobre o louco e da relação que se estabelecia com ele. É um texto marcado pela heterogeneidade, que se apresenta no nível do enunciado, repleto de marcas de outros textos, outros discursos, outras falas sociais. É a presença de partes desses “outros” que torna possível o fenômeno da heterogeneidade. Como a heterogeneidade funda-se na marca (parte) do outro no discurso, estão dadas as condições para o acontecimento do jogo alusivo, da alusão como categoria dialógica e heterogênea que possibilita e facilita o diálogo entre os textos, os discursos do “um” em relação aos de um “outro”. É um diálogo entre dois personagens, mas também entre duas obras (narrativas), entre a literatura e a história, e a filosofia, entre o passado e o

presente. E é nesse diálogo complexo entre esses textos que se vai construindo sócio-historicamente o sentido, como nos fala Bakhtin (2000).

Entendemos que é a alusão, categoria da intertextualidade, que possibilita todo esse diálogo. Se não fosse seu funcionamento ancorado nos movimentos da memória, muito desse diálogo seria perdido. O discurso da história da loucura aparece assim vinculado a Doutor Eduardo; de seu lugar discursivo, numa conversa com Arturzinho, ele afirma:

Os loucos eram considerados mais ou menos isso, criaturas estranhas, de outras galáxias. E o lugar do alienado era no hospício. Vocês falaram no Machado de Assis. Não é de admirar que ele tenha escrito sobre o assunto. Muitos hospícios surgiram, no Brasil, na época dele: o Dom Pedro II no Rio de Janeiro, o São João de Deus, em Salvador, o Juqueri, em São Paulo, o São Pedro, em Porto Alegre. A figura mais importante lá era o alienista. (SCLIAR, 2004, p. 58)

Aqui também percebemos alusões a interdiscursos e intertextos. O louco, o outro como uma criatura estranha, nos leva ao discurso da história da loucura, e a segunda parte da citação nos coloca diante de um contexto ou de condições da produção do texto machadiano.

É nessa relação parte-todo-parte, porque vamos e voltamos dialogicamente ancorados na memória, que a alusão, enquanto estratégia de leitura, cumpre seu papel de categoria construtora de sentido.

No século XV, com o final da Idade Média, a lepra desaparece e não há um personagem social para ser enclausurado ou confinado como havia na Idade Média. Assim, aparece um vazio no lugar do confinamento. Na Idade Média, os leprosos representavam uma ameaça à população, tanto uma ameaça biológica, porque estavam contaminados com uma doença que matava; quanto moral, porque eram símbolos de espíritos e almas podres. No entanto, não desaparecem os valores e as imagens atribuídas ao personagem do leproso e os sentidos produzidos por sua exclusão de seu grupo social. Então, desaparece o leproso, mas não os valores e as imagens que a sociedade construiu para esse personagem.

Essas duas questões – o não desaparecimento das imagens e dos valores atribuídos ao personagem do leproso e os sentidos produzidos pela exclusão do louco e de seu grupo social –, caracterizarão o fenômeno da loucura, ou seja, esses valores e imagens atribuídos ao personagem do leproso, agora são vestidos no personagem do louco, ou aplicados à loucura; assim como o sentido produzido pela exclusão do leproso de seu grupo social será também adaptado à loucura produzindo reações de segregação, exclusão e purificação. Essas reações levarão aproximadamente dois séculos para dominarem o campo da loucura. Por quê? Depois

de dois séculos da Renascença, as reações de segregação, exclusão e purificação relacionadas à loucura estarão sedimentadas. As experiências e as formas de se relacionar com a loucura produzida na Renascença tinham um sentido completamente diferente daquele tratamento dado aos leprosos e Foucault tentará compreendê-lo.

Na Renascença, os loucos são colocados em embarcações e transportados por elas para terras longínquas com o objetivo de manter e preservar a segurança do cidadão e com o objetivo de não ficarem vagando pelas ruas das cidades. Essas duas experiências: colocar os loucos em embarcações para territórios distantes, que se chama a experiência cósmica; e a experiência crítica, composta pela ligação que o homem mantém consigo mesmo.

No começo do século XVI, a experiência crítica vence a experiência cósmica. Assim, conforme as palavras do pensador francês,

A experiência trágica e cósmica da loucura viu-se mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, e através dela a experiência moderna da loucura, não pode ser entendida como uma figura total, que finalmente chegaria, por esse caminho, à sua verdade positiva; é uma figura fragmentária que, de modo abusivo, se apresenta como exaustiva; é um conjunto desequilibrado por tudo aquilo de que carece, isto é, por tudo aquilo que o oculta. Sob a ciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma abafada consciência trágica não deixou de ficar em vigília. (FOUCAULT, 1997, p. 28-29)

É um privilégio da reflexão crítica sobre a loucura. Isso é resultado do olhar racional da Renascença sobre o fenômeno da loucura. Como afirma Foucault (1997, p. 36), “[...] a verdade da loucura é ser interior à razão, ser uma de suas figuras, uma força e como que uma necessidade momentânea a fim de melhor certificar-se de si mesma”.

Na metade do século XVII, ocorre a ligação entre loucura e internamento. O internamento não é um estabelecimento médico, mas uma estrutura semijurídica, ou seja, não há nenhum critério médico para se instalarem os estabelecimentos da internação. Na organização das casas de internamento, não está presente nenhuma liderança ou idéia; Foucault acredita que o classicismo inventou o internamento assim como a Idade Média inventava a segregação dos leprosos. O internamento possui significações políticas, sociais, religiosas, econômicas e morais. A ligação entre loucura e miséria na Idade Média e na Idade Clássica envolve dimensões como o sagrado e o profano, o místico e o racional, a Igreja e o Estado; assim é que, como afirma o Dr. Eduardo, personagem criado por Scliar (2004, p. 58), “[...] só mais tarde é que surgiu o hospício. O objetivo era tratar os doentes mentais, claro,

mas também tirá-los das ruas: perturbavam e além disso davam mau exemplo, porque não trabalhavam, não consumiam...” Dessa forma,

[...] se o louco era, na Idade Média, considerado uma personagem sagrada era porque, para a caridade medieval, ele participava dos obscuros poderes da miséria. A partir do século XVII, a miséria é encarada apenas em seu horizonte moral e, assim, se antes o louco era acolhido pela sociedade, agora ele será excluído, pois ele perturba a ordem do espaço social. (VIEIRA, 2007, p. XX)

A preocupação não com a cura, mas com o trabalho, a produção, condena-se a ociosidade, o internamento ligado às exigências do trabalho. A internação é uma criação institucional do século XVII. Por isso, colocar a loucura para preencher o vazio deixado pela ausência dos leprosos aconteceu no século XV, no entanto, dois séculos depois é que o internamento estará institucionalizado.

Já no final do século XVIII, o louco é libertado desse confinamento que interna no mesmo local o enfermo, o libertino, a prostituta, o imbecil e o insano sem apontar diferenças entre eles, ou seja, os portadores desses gêneros de desvio de conduta ou comportamento eram considerados, em alguma medida, loucos, uma prova disso é o fato de que eles eram internados, confinados no mesmo lugar. A era clássica tratava-os de modo uniforme, ou seja, não havia uma distinção entre o louco e o enfermo, entre o louco e o libertino, entre o louco e a prostituta, etc. Durante o século XVIII, surge uma nova reflexão; pela primeira vez, aparece um diálogo entre o médico e o doente. É o que afirma Dr. Eduardo na sua resposta a Arturzinho: “Na época da Revolução Francesa essa situação melhorou um pouco: um médico chamado Pinel, que fazia parte do governo, tomou a iniciativa de libertar aquela pobre gente” (SCLIAR, 2004, p. 58). A relação médico-doente passará a ser constituinte do mundo da loucura. A possibilidade de uma psiquiatria da observação, de um internamento de aspecto hospitalar, do diálogo do louco com o médico. Distinção entre doenças físicas e mentais, o que pertence ao desatino será ligado ao psicológico.

O leproso e o louco são segregados e excluídos no intuito de serem purificados e de purificarem a comunidade onde vivem, já que sua presença representaria um atentado à vida dos sãos.

Então, compreendemos que, conforme Foucault (1997), a loucura e as maneiras de com ela nos relacionarmos estiveram ligadas aos interesses mercantis, comerciais e de produtividade, sendo tratadas durante muito tempo como questão jurídica e não de saúde, servindo aos interesses do Estado (como acontece inclusive em *O alienista*) e da ciência.

Ainda segundo o pensador francês e as reflexões feitas por Vieira (2007), a psicologia surge como resposta à demanda das questões de ordem epistemológicas que envolviam a loucura no final do século XVIII e início do XIX. Quem iria desvendar os mistérios das almas dos loucos? Já que

É somente porque o internamento assumiu um valor terapêutico através do reajustamento político, social e moral da relação entre loucura e desatino que a medicina poderá apossar-se do asilo e de todas as experiências da loucura. Nesse momento, explicita-se a proveniência da loucura produzida pela psicologia do século XIX: ela não surgiu da humanização da justiça e de suas práticas, mas de uma exigência moral e de uma estatização dos costumes. Essa psicologia, portanto, chamada de individual, provém de uma reorganização da consciência social. (VIEIRA, 2007, p. XX)

Foucault (1997) acaba concluindo que, na verdade, nos apresentou a história do surgimento de uma nova ciência, a psicologia.

Quando filiamos o discurso de Bacamarte ao da ciência da era clássica, esse de que fala Foucault (1997), dizemos, em outras palavras, que suas práticas, assim como não deram conta de compreender as do classicismo, também não apresentaram alternativas para a “cura dos loucos” de maneira benevolente, já que as mudanças observadas aconteceram mais para atender interesses intrínsecos à ciência do que o bem-estar do louco.

Durante toda a narrativa, as marcas de outros discursos, falas estão presentes e apontam a retomada do discurso da história da loucura, tema tratado por Michel Foucault, o que não significa que a abordagem dada/feita seja a mesma ou que tenha o mesmo viés epistemológico. Mesmo porque o diálogo não se dá apenas por concordância, mas também pela contradição ou pela aproximação. Como a descrição feita pelo narrador nos coloca diante da situação do louco ao longo da história, alusivamente retomamos Foucault (1997), que escreve sobre a história da loucura e nos põe diante das discussões que envolvem o tema. Fica evidente que o diálogo entre as teorias, as obras e a voz do pensador francês, nos encaminhará a aspectos outros presentes na abordagem do tema da loucura, levando em consideração o tratamento dado ao tema nas duas obras que estão em diálogo. Nesse jogo entre literatura e teoria, literatura e ciência, literatura e teoria e ciência é que a alusão funciona como estratégia de leitura esclarecedora do viés adotado em cada uma das obras (*O mistério da Casa Verde* e *O alienista*) e do diálogo que está sendo estabelecido entre as narrativas literárias e as narrativas científicas. Isso porque, quando o narrador de Scliar começa a contar a história dos

loucos na Idade Média ou na Idade Moderna, muitos dados apresentados por ele estão respaldados em documentos da ciência ocupada com a narrativa da história da loucura.

Como assinalamos anteriormente, a alusão realiza movimentos de ida e vinda de sentidos. Se, por um lado, *O alienista* dialoga com *O mistério da Casa Verde* e esta narrativa com aquela, há índices – e todo índice é alusivo – que orientam nosso olhar para o exterior desse diálogo entre as duas obras. Esse exterior, no que tange ao discurso da ciência, em *O alienista* nos aproxima do discurso científico-positivista do século XIX e de sua concepção de razão, de loucura e de sua relação com esses temas. Fazendo um caminho de volta, mas não necessariamente oposto, o exterior desse diálogo entre as duas obras, do lado de *O mistério da Casa Verde*, nos aponta o discurso da ciência contemporânea, sua noção de razão, de loucura e de relacionamento com o louco. Dialógica e dialeticamente, partimos das duas obras, que apresentam partes desses outros discursos, os científicos, e chegamos ao “todo” discursivo que se constrói, se não completamente – o que é menos provável –, pelo menos mais completo do que as partes que o indicam e com as quais estabelece um diálogo. São nesses movimentos de sentidos, de significados, mediados pela memória, que vamos construindo dialogicamente, como numa conversa, a teia, o tecido em que se constitui a leitura das duas obras pela alusão. Afinal, todas as partes dialogam com seus “todos” e vice-versa. Assim, *O mistério da Casa Verde* dialoga com *O alienista*, que dialoga com o discurso da ciência contemporânea no que diz respeito à história da loucura/do tratamento dado ao louco, que dialoga com a ciência positivista do século XIX e sua concepção de loucura, de louco e de razão, que está presente em *O alienista* e também em *O mistério da Casa Verde*.

3.2 O hospício e as questões manicomial e clínica

De tudo isso, emerge o diálogo entre as concepções de louco e loucura, o qual permeia as duas obras. É nesse diálogo que se cria o debate sobre a questão manicomial, discurso que, numa primeira leitura, e rápida, pode não ser recuperado pelos olhos da memória, interdiscursivamente, mas que, com o auxílio da alusão como estratégia de leitura, aparece imbricado numa teia de textos, vozes, discursos, ditos, esquecidos que formam o processo dialógico da leitura. É a partir daí que podemos fazer uma avaliação do tratamento dado em *O mistério da Casa Verde* e em *O alienista* ao discurso da questão manicomial.

No final do século XX e início do século XXI, a ciência moderna propõe uma alteração nas formas de tratamento desses pacientes numa perspectiva de re-socialização e readaptação à vida em sociedade. Isso aparece no momento em que o bisneto de Simão Bacamarte é estrategicamente levado ao trabalho no centro cultural Machado de Assis.

Mas esta não é a maior atração da Sala Simão Bacamarte. A maior atração é outra coisa, uma encenação que se realiza todas as sextas-feiras à noite e que atrai até gente de outros estados – os ingressos são disputados semanas antes.

Às sextas-feiras à noite as pessoas que vão à Casa Verde têm um encontro marcado com o alienista. Que é Jorge, pai de Lúcia. Aos poucos ele foi se descobrindo como um excelente ator amador. E o que ele apresenta, às sextas-feiras à noite, é um monólogo intitulado “O Alienista na Casa Verde”, extraído da obra de Machado de Assis. (SCLIAR, 2004, p. 77-78)

Ao invés de ser internado, separado da sociedade por ser um mau exemplo (não trabalha, não consome), Jorge participa de um projeto de teatro que acontece no casarão antigo. Ele não é “tratado” como Simão Bacamarte o “trataria” se houvesse a oportunidade. Percebemos assim que os encaminhamentos dados pelo Dr. Eduardo estão de acordo, e assim dialogam, com os discursos da psiquiatria democrática, do movimento antimanicomial e da antipsiquiatria. Nessa perspectiva, Jorge é recolocado na sociedade, é compreendido e se torna um agente que contribui para essa mesma sociedade. Descobre-se com ator e, a partir daí, a personagem participa de uma atividade artística apreciada pela comunidade que a circunda. É interessante notar ainda que o monólogo apresentado por Jorge dialoga com tudo o que dizemos até aqui. É uma outra forma de retomada do texto machadiano, dialógica, heterogênea e, por isso, alusiva. Podemos dizer, dessa forma, que a ciência em *O alienista* é usada a serviço de seus próprios interesses, serve a si mesma, enclausura, domina; já em *O mistério da Casa Verde*, a ciência está a serviço daquele que é vitimado pela sociedade, ela o liberta, serve a ele.

E o monólogo prossegue: Simão Bacamarte enfrentando a rebelião da vila, Simão Bacamarte recuperando sua autoridade, Simão Bacamarte mudando subitamente de idéia e expulsando todos os internos da Casa Verde, Simão Bacamarte recolhendo-se ao hospício. E aí vem um momento lírico: o momento em que ele se apaixona pela portuguesa Ana, aquela que tomava conta do lugar e do próprio Simão Bacamarte. (SCLIAR, 2004, p. 79)

Uma questão abordada em *O mistério da Casa Verde* é a questão manicomial num enfoque mais atual. Enquanto o texto machadiano, segundo a crítica literária, faz uma crítica ao discurso positivista do século XIX, à autoridade da ciência médica e à tirania de alguns

personagens históricos do Brasil; *O mistério da Casa Verde*, pelo viés do resgate social dos loucos, doentes mentais, portadores de psicopatologias, faz um novo tratamento do tema.

Simão Bacamarte aparece como homem de ciência, mas é da ciência cartesiana, iluminista, própria dos séculos que vão de XVI a XVIII, como ele mesmo deixa transparecer aos olhos do leitor quando diz: “– A ciência é meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (SCLIAR, 2004, p. 78). Ou ainda quando “seleciona”, segundo critérios científicos, sua esposa e futura mãe de seus possíveis filhos. Nesse processo de seleção, não importa afetividade, sentimento ou qualquer outro vínculo que não seja estritamente racional e atenda aos anseios da ciência que ele cultiva. Assim, ouvimos Jorge dizer interpretando Bacamarte em seu terapêutico monólogo, encenado às sextas-feiras, na Casa Verde, sobre a esposa do alienista: “– Feia? Sim. Mas tinha condições anatômicas e fisiológicas de primeira ordem: digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha visão excelente” (SCLIAR, 2004, p. 78). Já o doutor Eduardo veicula um discurso científico atualizado e de acordo com as questões éticas e morais de seu tempo. Como psiquiatra que vive num período (final do século XX e início do XXI) histórico em que já se conhecem as pesquisas e os avanços nas políticas públicas para o tratamento da loucura, consequência também das ações do movimento antimanicomial, da antipsiquiatria e da psiquiatria democrática¹, movimentos que, de alguma forma, entendem o relacionamento com a loucura no ocidente à maneira de Foucault (1997), ele assume uma postura de tentar, através da conversa (terapia) e do emprego de remédios, ressocializar Jorge – o que, em outras épocas, seria, se não muito estranho, impossível.

CONCLUSÃO

A investigação que tem como *corpus* a obra de Scliar tem-nos indicado a importância da alusão no processo de construção do texto tanto de parte do autor quanto do leitor. Estratégia que nos indica como a narrativa de Scliar aponta para vários caminhos, ou vários discursos, entre eles a questão manicomial.

Usar a alusão, enquanto recurso dialógico, heterogêneo, e dialético – podemos acrescentar –, se constitui numa estratégia de leitura de *O mistério da Casa Verde* em diálogo

¹ A esse respeito ver ANGELI, Daniela. *Uma análise arqueológica dos discursos do movimento de luta antimanicomial no Brasil*. Florianópolis, 2006. Dissertação de mestrado.

com *O alienista*, que nos faz “[...] enxergar além das janelas, porque elas já foram destrameladas e assim enxergamos além”, (TORGA, 2001).

Esse ‘outro’ previsto é uma marca de heterogeneidade. O texto apresenta marcas e muitas delas funcionam como alusões, essas alusões podem ser usadas como estratégia de leitura para *O mistério da Casa Verde* em diálogo com *O alienista*. Assim, podemos dizer que “[...] um texto é um produto cujo destino interpretativo deve ser parte do seu próprio mecanismo generativo: gerar um texto significa actuar segundo uma estratégia que inclui as previsões dos movimentos do outro.” (ECO, 1994, p. 57).

As várias alusões deixadas como marcas na superfície textual de *O mistério da Casa Verde* constituem também uma estratégia de escrita da narrativa, essas marcas foram resgatadas pelo leitor para ativação de elementos, através da memória, que, aparentemente, estão escondidos.

Essa interlocução entre texto e leitor contribui para o estabelecimento do jogo alusivo, que se constitui dialeticamente heterogêneo, discursivo (inter e intra), textual, enfim, dialógico. Afinal, o sentido se constrói no diálogo.

Esse diálogo entre as duas narrativas, isto é, os resultados parciais de nossos estudos, a partir da alusão: 1) nos leva às falas sociais, às vozes da Teoria Literária e aos discursos científicos, principalmente, àqueles que se constituem na problematização da história da loucura e das ciências psiquiátricas, da figura do louco e dos aspectos clínicos; 2) nos mostra que as possibilidades de construção sócio-histórica do sentido para o texto e a partir dele nos fazem enveredar por caminhos não previstos depois de uma primeira leitura das duas narrativas; 3) reforça a idéia de que é no diálogo histórico-social de textos, falas e discursos que os sentidos são construídos.

REFERÊNCIAS

ANGELI, D. *Uma análise arqueológica dos discursos do movimento de luta antimanicomial no Brasil*. 166 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2006.

ASSIS, M. *O alienista*. 22ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. In: ORLANDI, E. P.; GERALDI, J. W. Cadernos de Estudos Lingüísticos 12: O discurso e suas análises. Unicamp, Campinas. Jul/dez de 1990.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1980.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BRAIT, B. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. In: BRAIT, B. (org). Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.

ECO, U. O Leitor Modelo. In. *Lector in Fabula: leitura do texto literário*. Lisboa, Editorial Presença, 1979. p. 53-70.

FOUCAULT, M. *A história da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

SCLIAR, M. *O mistério da Casa Verde*. São Paulo: Ática, 2004.

TORGA, V. L. M. *Movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual da leitura de ler, escrever e fazer conta de cabeça, de Bartolomeu Campos Queirós*. 98 f. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2001.

VIEIRA, P. P. *Reflexões sobre “A História da Loucura” de Michel Foucault*. In RAGO, M.; MARTINS, A.L. (org). Revista Aulas: dossiê Foucault. Unicamp, Campinas. Dez 2006/Mar 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/24.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2008.